



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Pós - Graduação em Educação Especial

Projecto de Investigação

A escola face ao aluno Sobredotado

Tânia Vanessa Monteiro Martins

Porto

2 de Dezembro de 2010



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Pós - Graduação em Educação Especial

Projecto de Investigação

A escola face ao aluno Sobredotado

Tânia Vanessa Monteiro Martins

Orientador: Professora Doutora Helena Serra

Porto

2 de Dezembro de 2010

DEDICATÓRIA

*Aos meus Pais, Irmã e ao Miguel
pilares da minha vida...*

AGRADECIMENTOS

A concretização do presente projecto não teria sido possível sem o valioso apoio e contributo de algumas pessoas, às quais aproveito para expressar o meu profundo agradecimento.

À Doutora Helena Serra, pela sua disponibilidade e forma como orientou este projecto que me fez crescer em termos académicos e pessoais.

A todos os professores do Curso da Pós-Graduação pelo saber transmitido.

Ao Miguel, pelo encorajamento, paciência, dedicação e compreensão.

Às minhas amigas Sofia e Bela, que acompanharam de perto o meu percurso, agradeço o companheirismo, compreensão e o encorajamento.

A todas as pessoas que de forma directa ou indirecta contribuíram para a sua realização.

RESUMO

A nossa sociedade é hoje diversa e os alunos sobredotados são parte integrante dela. No entanto muitas são as situações de desconhecimento e falta de informação tanto dos professores como da família face a estes alunos.

É nesta temática que se baseia esta investigação, no sentido de sensibilizar a sociedade para a sua diversidade, apoiando estes alunos com características tão próprias.

O aluno sobredotado é uma criança com potencialidades “superiores” que estão ao nosso alcance e cabe a nós saber educá-los no sentido do desenvolvimento máximo desse potencial.

É função do professor promover uma prática educativa que vise a igualdade de oportunidades, contemplando estratégias e programas adequados as capacidades dos nossos alunos.

Pretende-se com esta investigação abordar os conhecimentos sobre a Sobredotação, no sentido de contribuir para uma correcta identificação e intervenção educativa destes alunos. Neste sentido, optamos pela elaboração de questionários, para averiguação dos conhecimentos que eventualmente, os professores reconhecem e utilizam na sua prática pedagógica. Apesar de não terem sido aplicados, pensamos ser no futuro um óptimo instrumento de avaliação da temática.

Palavras-Chave: Sobredotação, identificação, formação, intervenção educativa, práticas educativas inclusivas, inclusão.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Capítulo I - Abordagem Conceptual	13
1.1 Conceito de Sobredotação / Abordagem Histórica	13
1.2 Características Comportamentais das crianças sobredotadas	20
1.3 Mitos e realidades acerca dos sobredotados	26
Capítulo II - As necessidades educativas.....	29
2.1 As necessidades educativas das crianças sobredotadas	29
2.2 Sinalização	34
2.3 Processo de Socialização	36
2.4 Consequências da falta de apoio	39
2.5 O aluno sobredotado e a inclusão	41
Capítulo III - Práticas educativas.....	43
3.1 Apoio ao aluno sobredotado	43
3.2 Diversidade de apoios aos alunos sobredotados	47
3.2.1 Aceleração	48
3.2.2 Enriquecimento	50
3.2.3 Agrupamento.....	52

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

Capitulo IV - Metodologia de Investigação	55
4.1 Enquadramento Conceptual e Objectivos da Investigação	55
4.2 Objectivos	57
4.3 Metodologia de Investigação	58
4.4 Amostra.....	59
4.5 Definição de Termos.....	60
4.6 Instrumentos Utilizados	61
4.7 Procedimentos.....	62
Considerações Finais	64
Bibliografia	68
Anexos	73

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – MODELO DOS TRÊS ANÉIS DA SOBREDOTAÇÃO	15
FIGURA 2 – ESQUEMA DE DESENVOLVIMENTO ADOLESCENTE.....	38

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS E JOVENS SOBREDOTADOS	25
QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS POTENCIAIS DO ALUNO SOBREDOTADO	30

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um projecto final da Pós-Graduação em Educação Especial, realizado na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O tema desenvolvido incide essencialmente sobre a problemática da Sobredotação, tema que tem sofrido um crescente interesse nos últimos anos. Este tema remete-nos para a importância de uma correcta identificação do aluno sobredotado e dá forma como esta problemática é trabalhada na comunidade educativa.

O aluno sobredotado necessita de uma atenção especial por parte desta comunidade escolar, o que na maioria das vezes não ocorre por não estar preparada e sensibilizada para lidar com esta realidade.

O pouco conhecimento sobre este assunto leva a que estes alunos passem muitas vezes despercebido, são referidos apenas como bons alunos que não necessitam de qualquer tratamento especial. Esta falta de informação é por isso um entrave na educação do aluno sobredotado.

A escola deve promover ao máximo o potencial dos seus alunos, tendo em consideração as suas características.

A criação de estratégias diferenciadas, adopção de medidas educativas que visem o desenvolvimento individual de cada aluno, é o caminho mais acertado para a promoção dos alunos.

Não podemos cair no erro de considerar que estas estratégias educativas estão apenas associadas aos alunos com dificuldades de aprendizagem, porque também os “mais capazes”, os sobredotados, têm o mesmo direito de individualidade. A nossa sociedade deve ser capaz de aproveitar as diferenças de cada um e canaliza-las para o seu desenvolvimento.

A escola, hoje não pode nem deve negar a existência do aluno sobredotado, porque isto vai afectar não só o seu desenvolvimento pessoal, como o da escola e da sociedade em que está inserido.

Estas crianças necessitam de um acompanhamento diferenciado, onde se dá especial atenção às suas características pessoais, tão próprias destas crianças. Promovendo assim a aquisição do máximo de competências e habilidades possível.

Cabe à escola, ao professor e à sociedade trabalhar neste sentido, para que estes alunos não fiquem “esquecidos” e para que não se desperdice estas capacidades que apenas precisam de ser trabalhadas e apoiadas pelo meio que os rodeia.

O trabalho apresentado está dividido em duas partes distintas. A primeira parte engloba o enquadramento teórico, constituído por três capítulos e a segunda parte referente ao enquadramento empírico do tema.

Na primeira parte o capítulo I é referente à abordagem conceptual do tema, onde falamos sobre a evolução e definição do conceito, sobre as características do aluno sobredotado e alguns mitos que surgem sobre estes alunos. O capítulo II aborda o processo de socialização do aluno sobredotado, as consequências que podem ocorrer pela falta de apoio e a questão da inclusão destes alunos. O capítulo III aborda as práticas educativas e os vários apoios existentes no sentido do desenvolvimento e integração destes alunos.

Por último a segunda parte é constituída apenas por um capítulo, onde salientamos o nosso objecto de investigação, a metodologia a utilizar, o nosso instrumento de investigação e os procedimentos adoptados na sua realização.

Por fim, surgem as considerações finais, onde fazemos uma reflexão sobre o tema estudado.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPITULO I – ABORDAGEM CONCEPTUAL

1.1 CONCEITO DE SOBREDOTAÇÃO / ABORDAGEM HISTÓRICA

Existe uma grande diversidade de definições de Sobredotação, esta variedade verifica-se devido ao facto de existir uma grande diversidade de enquadramentos teóricos que vão desde as competências humanas à natureza filosófica, política, cultural, sociológica e interacção do individuo com a comunidade em que esta inserido.

O aluno sobredotado é considerado uma pessoa com determinadas características pessoais extremamente vincadas, tais como raciocínio rápido, memória, percepção, flexibilidade no pensamento, fluência de ideias, originalidade, rapidez na resolução de problemas e uma excelente produtividade.

Podemos dizer que a Organização Mundial da Saúde define o aluno sobredotado como uma pessoa com um quociente intelectual igual ou superior a 130 (sendo a média de 80-120), enquanto o Ministério da Educação considera sobredotadas as crianças com esse mesmo quociente intelectual, mas que apresentam um nível de rendimento intelectual superior em variadas capacidades e aptidões e que para além disso aprendem com facilidade os conteúdos de qualquer matéria ou área.

Valoriza não só as capacidades cognitivas, como as psicológicas e sociais, como o desempenho académico, a criatividade, a motivação, a personalidade, e contextos sociais de vida e contextos educacionais.

Ao longo dos tempos, o conceito de Sobredotação tem vindo a mudar, passando a dar mais importância aos talentos do aluno nas suas diversas áreas, em vez de nos cingirmos unicamente ao seu quociente de inteligência

A chave de tudo isto é segundo Alicia Rodríguez Díaz-Concha, presidente da Associação Espanhola de Pessoas Sobredotadas e com Talento, possuir três características essenciais: inteligência extraordinária, grande capacidade de trabalho e elevado grau de criatividade.

Os estudos sérios que encontramos sobre o tema, são relativamente recentes, começando essencialmente no início do século XX, anteriormente este tema não tinha a mesma relevância que adquire hoje. De acordo com a bibliografia estudada, existem

algumas divergências na sua definição e caracterização, porque cada autor parte das suas experiências particulares para o definir. Apesar de este assunto remeter obviamente mais para uma questão de competências, não podemos esquecer como já referimos os aspectos mais qualificativos da personalidade destas crianças.

No meio de toda esta divergência de ideias, podemos no entanto, afirmar que coincidem, pelo menos na ideia de que ela engloba um alargado conjunto de áreas da capacidade e actividade humana.

A par desta necessidade de identificação destas crianças Sobredotadas, surge a necessidade contínua de pesquisa e alargamento das informações pertinentes ao tema junto de todos os educadores e mesmo da população em geral, para desta forma dar respostas mais adequadas na educação destas crianças.

De acordo com Gagné (1985, 2000, 2004), os conceitos de Sobredotação e Talento não podem ser confundidos. A Sobredotação é o resultado de uma herança genética e talento como uma interacção de predisposições naturais com os respectivos contextos físicos e sociais do indivíduo, influenciado muito pela prática e pelas experiências que vai adquirindo.

O autor sugere que a Sobredotação está relacionada com a existência e uso de habilidades naturais, de forma espontânea em um ou mais domínios da actividade humana em contrapartida sugere que o talento é uma habilidade superior num dado domínio, obtido através do treino sistemático dessa habilidade, o que lhe proporciona um vasto conhecimento e desenvolvimento desta área (Gagné, 2004).

Este modelo diferenciado de Sobredotação e Talento, abrange quatro domínios: o intelectual, o criativo, o sócio-afectivo e o sensorio-motor.

O autor sugere-nos que um indivíduo para ter talento, tem de se verificar Sobredotação, no entanto nem sempre um indivíduo sobredotado tem talento.

Este talento é influenciado por factores interpessoais, como a personalidade as características físicas, por factores ambientais, ligados ao contexto em que o indivíduo está inserido e por fim o factor sorte, fruto da influência ambiental que poderá, por sua vez influenciar o património genético herdado.

Neste sentido, podemos dizer que este modelo é como um processo de desenvolvimento de talento, que tem por base a alteração de habilidades excepcionais inatas, em habilidades que treinadas e desenvolvidas sistematicamente permitem a aquisição de um talento excepcional nessa área.

Em contrapartida, Renzulli (1978) define o aluno Sobredotado, como um indivíduo portador de grandes habilidades, um conjunto de características acima da média que se irão manter ao longo de toda a sua vida. “*Habilidade acima da média, alta criatividade*” e um grande “*envolvimento com as tarefas*”, ou seja uma alta motivação.

Renzulli (citado em ANEIS) defende que a Sobredotação é constituída por três pontos importantes:

- Capacidade acima da média:
 - Capacidades gerais – de pensamento abstracto, de processamento da informação, memória, raciocínio verbal, numérico, relações espaciais, etc.
 - Capacidades específicas: relacionadas com aptidões e áreas mais restritas e não necessariamente superiores
- Envolvimento na tarefa: motivação, entusiasmo, fascínio, autoconfiança, perseverança;
- Criatividade: originalidade, flexibilidade, abertura á experiência, etc.



Figura 1: Modelo dos Três Anéis da Sobredotação de Renzulli (Alencer, 1986)

Esta teoria ficou denominada como a Teoria dos Três Anéis, que englobava os três aspectos referidos anteriormente, sugere que só os alunos que englobam estes aspectos podem ser identificados como portadores de qualidades excepcionais.

É a junção destes três factores, que segundo o autor explicam o aparecimento de altos níveis de produtividade, que contribuem para o desenvolvimento do sujeito em diferentes aspectos e domínios.

Neste sentido, temos uma noção alargada de Sobredotação, que engloba vários tipos de aptidões, talentos e potenciais de aprendizagem, contempla aspectos como a capacidade de liderança, capacidade organizativa e as relações interpessoais integrantes deste plano de desenvolvimento e aperfeiçoamento de aptidões.

O modelo defendido por Renzulli considera demasiadas componentes de desenvolvimento, diferentes necessidades e várias formas de intervenção pedagógica, sendo necessário para o desenvolvimento dessas áreas contemplar dois conceitos - chave: “authentic learning” e “real-life problems”.

Através da aplicação dos conhecimentos relevantes e aptidões cognitivas na resolução dos nossos problemas reais, leva-nos à construção das aprendizagens significativas para a nossa vida.

Por todos estes aspectos o autor defende a implementação do modelo SEM (Schoolwide Enrichment Model), que é apenas um dos exemplos de modelo que visa dar resposta às necessidades das crianças sobredotadas, porque considera que desenvolve as potencialidades de talento de cada criança, melhora o desempenho académico, promove a formação contínua, através do aperfeiçoamento e reforço de aprendizagens significativas. Neste contexto o professor é visto como um facilitador, que selecciona os projectos e desafios e apoia o desenvolvimento de planos de acção.

A semelhança de Renzulli, Feldhusen (1995), inclui na sua definição de Sobredotação aspectos como a motivação, criatividade, aptidões, talentos, características que permitem ao aluno uma valorização superior num determinado domínio, dentro de uma sociedade ou época.

É de salientar a importância que se dá aos factores genéticos que traçam limites a nível do seu desenvolvimento, mas não podemos esquecer que estas habilidades e aptidões estão dependentes de outros aspectos, tais como a sua motivação face a determinados domínios, bem como a experiência que a própria sociedade lhe proporciona.

Em contrapartida Marland (1972) define a criança sobredotada, como possuidora de um elevado potencial, que lhe vai permitir atingir um excelente desempenho/performance ao longo da sua vida, esta aptidão pode ser intelectual geral, académica específica, pensamento criativo ou produtivo, liderança, artes, psicomotricidade, etc.

Ao analisar este tema, surge-nos também Monks (cit. *in* Serra et al., 2004), que defende a necessidade de incluir nesta definição o factor ambiental, família e escola, como factores de influência no potencial do aluno sobredotado.

Assim, o contexto social é aqui considerado como aspecto fundamental, porque é através da interacção entre o meio e o sujeito que surgem as oportunidades de aprender e desenvolver as suas habilidades.

Desta forma, em conjunto com os factores cognitivos e de personalidade surge o ambiente social, considerando este último, surge o Modelo Multi-Factorial da Sobredotação de Mönks. Com a evolução do conceito, passam a aceitar que progressivamente a definição da Sobredotação inclui dimensões psicossociais complementares da inteligência ou das habilidades cognitivas dos indivíduos sobredotados (Piiro, 1995).

Seguindo este mesmo raciocínio surge Gardner (1993), que se destacou pelas investigações efectuadas neste âmbito, e concluiu que a inteligência era constituída inicialmente por sete categorias diferentes – Teoria das Inteligências Múltiplas, numa abordagem multidimensional, ampla e pragmática da inteligência

Esta nova teoria vem deitar por terra a ideia errada de que a inteligência é fechada, passa aqui a contemplar as seguintes categorias independentes umas das outras, mas que raramente funcionam isoladamente:

- **Lógico - matemática:** voltada para conclusões baseadas em dados numéricos e na razão.
- **Linguística:** capacidade elevada de utilizar a língua para comunicação e expressão.
- **Musical:** inteligência voltada para a interpretação e produção de sons com a utilização de instrumentos musicais.
- **Espacial:** habilidade na interpretação e reconhecimento de fenómenos que envolvem movimentos e posicionamento de objectos.
- **Corporal:** grande capacidade de utilizar o corpo para se expressar ou em actividades artísticas e desportivas.
- **Intrapessoal:** capacidade de se auto-conhecer, tomando atitudes capazes de melhorar a vida com base nestes conhecimentos.
- **Interpessoal:** capacidade elevada de relacionamento com outras pessoas.
- **Naturalista:** voltada para a análise e compreensão dos fenómenos da natureza.

Mais tarde em 1999, Gardner apresenta uma nona inteligência, à qual chama **Existencial** que abrange a capacidade de reflectir e ponderar sobre questões fundamentais da existência.

De acordo com esta teoria, o autor defende uma visão pluralista da inteligência, bem como possíveis mudanças no seu desenvolvimento, devido às interacções do sujeito com o meio.

Apesar de ainda hoje não haver um grande consenso entre os vários investigadores, na sua maioria aceitam a definição de Sobredotação como um conceito mais alargado.

Para a Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS), estão integrados no conceito de Sobredotação os seguintes domínios:

- **Aptidão Intelectual:** referente à capacidade de percepção e memória, de organização e relacionamento da informação, de análise e de síntese, de raciocínio e de resolução de problemas.
- **Aptidão Académica:** facilidade de aprendizagem, nível aprofundado de conhecimentos ou ritmo acelerado de apropriação das matérias escolares num ou mais domínios.
- **Aptidão Artística:** capacidade superior em uma ou mais áreas de expressão artística, como a pintura, escultura, desenho, música, literatura ou teatro.
- **Aptidão Social:** capacidade superior de comunicação e relacionamento interpessoal.
- **Aptidão Motora:** grande facilidade de coordenação e expressão motora.
- **Aptidão Mecânica:** referente a compreensão e resolução de problemas técnico-práticos, envolvendo geralmente equipamentos de índole mecânica, electrónica ou computacional.

Ao abordar o tema Sobredotação, este surge muitas vezes confundido com o conceito de inteligência ou mesmo associado como sinónimos. Apesar de haver uma interligação entre ambos, as suas concepções são diferentes. Segundo a nossa autora

Yolanda Benito a inteligência é o “ conjunto de funciones cognitivas, afectivas, emocionales, sociales, físicas e intuitivas de un individuo ” (Benito, 2000:13), e a sobredotação “un concepto de raíces biológicas que sirve para denominar un alto nivel de inteligencia e implica un desarrollo avanzado y acelerado de las funciones del cerebro.” (Benito, 2000:14).

Este desenvolvimento pode ser expressado em variadíssimos domínios, tais como a criatividade, cognição, nível académico, liderança ou mesmo na área das artes, o aluno sobredotado, apresenta um talento acima da média numa ou mais áreas de desenvolvimento.

Como podemos verificar, com a evolução dos tempos a definição de Sobredotação foi sempre sofrendo alterações, levando agora para um caminho muito mais direccionado para uma definição multidimensional, abrangendo outras dimensões complementares à capacidade intelectual ou ao QI do aluno.

Os testes ao QI permanecem ainda hoje, como um meio formal e usual de identificação (Pereira, 1998), contudo a abertura da designação de Sobredotação a áreas que não são apenas académicas ou intelectuais, levou a que o seu uso deixasse de ter a relevância e credibilidade dada anteriormente.

A investigação sugere que seja qual for a definição de Sobredotação, o certo é que uma criança sobredotada, independentemente das suas características físicas, psicológicas, intelectuais, sociais ou do meio em que está inserida, é uma criança! E como tal, o seu cérebro, até pode funcionar muito além do esperado para a sua idade, mas não deixa de ser uma criança e de ter os sentimentos e emoções de uma criança da sua idade.

1.2 CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS DAS CRIANÇAS SOBREDOTADAS

Ao abordar as características das crianças sobredotadas, não podemos deixar de referir a dificuldade que é em apresentar uma listagem com todas as características possíveis para estas crianças, devido a sua diversidade vamos referir as mais comuns e mais fáceis de identificar. Não esquecendo que as crianças sobredotadas não apresentam todas estas características, nem em todas as áreas.

Guenther (2000) aponta como quatro os domínios de aptidão do aluno sobredotado:

- Académico
- Criativo
- Psicossocial
- Psicomotor

Podemos dizer, que no **domínio da aprendizagem** estes alunos têm tendência a apresentar um vocabulário rico para a sua idade e nível escolar, rapidez no processamento das informações, uma relativa facilidade em interiorizar os acontecimentos importantes, hábitos de estudo, de pesquisa, mesmo sem imposição de um adulto e resultados excepcionais em mais que uma área académica.

Por sua vez, no **domínio da motivação**, os alunos tendem a apresentar desmotivação pela rotina diária, querendo sempre mais e coisas novas, procura de actividades suas e originais, persistência na conclusão das tarefas e na sua perfeição.

No **domínio da criatividade**, o aluno demonstra uma excessiva curiosidade por muitas coisas ao mesmo tempo, desinteresse por situações de passividade, criatividade na resolução dos problemas e ideias.

Em relação ao **domínio da liderança**, o sobredotado transmite auto-confiança e sucesso com os seus pares, facilidade em adaptar-se a situações novas e em assumir a responsabilidade pelas situações.

Por fim, no **domínio sociomoral**, está presente um grande sentido de juízo crítico sobre si e sobre a sociedade em geral, preocupação com problemas sociais, ambições elevadas para a sua idade e uma boa interacção com pessoas mais velhas.

De acordo com o que temos estudado, podemos referir que quando falamos de crianças sobredotadas, estamos a falar de um grupo diversificado de alunos, que embora diferentes possuem algumas características em comum. Não queremos dizer com isto que todos os alunos irão revelar todas as características seguintes, mas que na sua maioria se verificam. Entre o variado leque de características encontradas, passamos a salientar as mais comuns e relevantes:

- Perspicácia na observação, facilidade em discriminar pormenores, curiosidade, boa receptividade em relação ao que lhes é comunicado;
- Sensibilidade e abertura aos problemas apresentados, interesse por solucionar os problemas, coragem;
- Não gostam de lhes seja limitado o campo de acção, procuram sempre outras coisas, outras informações que, muitas vezes, mais ninguém acha importante;
- Curiosidade intelectual, atitude de questionar, espírito inquiridor, motivação intrínseca;
- Não aceitam facilmente o autoritarismo, querem pesquisar tudo, saber sempre mais, observar as diferentes perspectivas da questão;
- Independência no pensar, no trabalho e no estudo e na consciência de si próprio;
- Dominadores, sabem que têm razão, não desistem enquanto não convencem os outros das ideias, mas por vezes não sabem o que fazer para que as suas ideias sejam aceites;
- Hipersensibilidade às críticas e aos problemas sociais e emocionais, podendo ficar magoados com reacções dos outros que, apesar de insignificantes, são entendidas por elas como críticas;
- Grande capacidade criativa e espírito inventivo, gosto em fazer as coisas de maneiras diferentes, interesse em criar sempre coisas inovadoras, em ser reconhecido;
- Prazer em brincar com as ideias, não aceitam facilmente ideias pré-definidas, nem respostas “feitas”, não gostam de limites, querem ideias que lhes permitam ir mais além na questão;

- Preferem a complexidade à simplicidade; têm uma forma de pensamento interdisciplinar, uma grande diversidade de interesses e versatilidades;
- Grande capacidade de atenção e concentração;
- Enérgicos, com grande vivacidade e prontidão, gostam de períodos de esforço intenso voluntário precedendo de seguida a invenção, mas ficam frustrados quando não são confrontados com projectos novos;
- Desejo constante em aprender, desejo de ler muito mais cedo do que é vulgar e por vezes consegue aprender sem ajuda específica, só através das suas capacidades de observar e análise;
- Usam facilmente vocabulário complicado e constroem frases não muito comuns para a sua idade;
- Podem manifestar-se especialmente dotadas numa área académica específica e ser alunos regulares ou até terem dificuldades nas outras, o seu grande interesse por essa área específica faz com que não consigam dedicar o tempo necessário às outras;
- Capacidade de liderança, assumem muitas vezes posições de líder, de delegado de turma, responsáveis por esta ou aquela tarefa;
- Podem apresentar talentos especiais no campo das artes ou das actividades físicas.

Ao analisar detalhadamente as características apresentadas pelos vários autores, o domínio intelectual e social apresenta uma maior relevância.

Novais (cit. in Serra, 2004) salienta a nível intelectual os seguintes aspectos:

- Flexibilidade de pensamento;
- Destreza na retenção de informações;
- Maturidade para a idade;
- Facilidade na compreensão das informações;
- Destreza nas aprendizagens;
- Habilidade de resolução de problemas;

- Pensamento abstracto;
- Criatividade;
- Grande poder de argumentação.

Nível social:

- Capacidade liderança;
- Sensibilidade;
- Percepção real da sociedade;
- Sociabilidade;
- Bom relacionamento interpessoal;
- Facilidade na resolução de problemas complexos;

Este é um tema em que, como já referimos não se consegue verificar uma só opinião unânime. Cada autor com mais ou menor precisão aponta as características mais comuns a esta problemática, e como tal também Erika Landau (Alonso, Renzulli & Benito), com uma visão mais sucinta, apresenta as seguintes características:

- Ambição;
- Sensibilidade;
- Curiosidade;
- Independência;
- Teimosia;
- Pensamento crítico;
- Fiável;
- Organizado.

No quadro seguinte, apresentamos de uma forma sucinta, um conjunto de características comportamentais dos alunos sobredotados, elaborado pelo Ministério da Educação.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DE COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS E JOVENS SOBREDOTADOS	
CARACTERÍSTICAS NO PLANO DAS APRENDIZAGENS	<ul style="list-style-type: none"> a) Vocabulário avançado para a idade e para o nível escolar; b) Hábitos de leitura independente (por iniciativa própria), preferência por livros que normalmente interessam a crianças ou jovens mais velhos; c) Domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos; d) Fácil compreensão de princípios subjacentes; capacidade para generalizar conhecimentos, ideias, soluções; e) Resultados e/ou conhecimentos excepcionais numa ou mais áreas de actividade ou de conhecimento.
CARACTERÍSTICAS MOTIVACIONAIS	<ul style="list-style-type: none"> a) Tendência a iniciar as suas próprias actividades; b) Persistência na realização e finalização das tarefas; c) Busca da perfeição; d) Aborrecimento face a tarefas de rotina.
CARACTERÍSTICAS NO PLANO DA CRIATIVIDADE	<ul style="list-style-type: none"> a) Curiosidade elevada perante um grande número de coisas; b) Originalidade na resolução de problemas e no relacionamento de ideias; c) Pouco interesse pelas situações de conformismo.
CARACTERÍSTICAS DE LIDERANÇA	<ul style="list-style-type: none"> a) Auto-confiança e sucesso com os pares; b) Tendência a assumir a responsabilidade nas situações; c) Fácil adaptação às situações novas e às mudanças de rotina.
CARACTERÍSTICAS NOS PLANOS SOCIAL E DO JUÍZO MORAL	<ul style="list-style-type: none"> a) Interesse e preocupação pelos problemas do mundo; b) Ideias e ambições muito elevadas; c) Juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros; d) Interesse marcado para se relacionarem com indivíduos mais velhos e/ou adultos.

Quadro 1 – Características das crianças e jovens sobredotados. Ministério de Educação (1998)

1.3 MITOS E REALIDADES ACERCA DOS SOBREDOTADOS

As crianças sobredotadas são desde sempre alvo de um certo número de ideias erradas sobre as suas características, capacidades e comportamentos. É necessário ao abordar este tema esclarecer estes mitos ou preconceitos, no sentido de repor a verdade dos factos. Passamos de seguida a enunciar algumas dessas ideias erradas e a contrapor com a respectiva explicação.

- Mito: Têm sempre bons resultados nos testes de inteligência.
Realidade: As crianças sobredotadas muitas vezes têm uma forma tão própria de responder às questões, que por vezes os levam a responder de forma desadequada, tendo assim muitas vezes resultados baixos nos testes estandardizados;
- Mito: São excepcionais em tudo e rápidos na execução de qualquer tarefa.
Realidade: O aluno sobredotado nutre um interesse por muita coisa ao mesmo tempo, mas não são obrigatoriamente excepcionais em tudo. Podem ter dificuldades em certas áreas e até apresentar uma certa lentidão na execução dessas tarefas;
- Mito: Obtêm sucesso sozinhas independentemente dos factores ambientais.
Realidade: Os alunos sobredotados apresentam naturalmente potencialidades, mas podem contudo não as desenvolver e até evitar manifestá-las devido, na maior parte das situações, às condições ambientais. Levando em alguns casos, ao abandono escolar, por não se encontrarem adaptadas e por não encontrarem resposta às suas necessidades na escola;
- Mito: São uma minoria privilegiada do meio onde vivem.
Realidade: Sentem-se diferentes das outras crianças que os rodeiam. Levando mesmo sentir-se desconfortáveis com essa diferença, porque os outros alunos da mesma idade sabem menos do que elas, levando-as muitas vezes ao isolamento;

- Mito: As crianças sobredotadas são sempre o centro das atenções, as mais populares e mais felizes.
Realidade: Isto é uma mentira completa, os alunos sobredotados têm tendência a ser crianças introvertidas que gostam como já referimos do seu espaço e até de algum isolamento. Têm muitas vezes dificuldade de adaptação, exactamente por se acharem diferentes dos outros.
- Mito: Têm características semelhantes entre si e correspondem a um grupo homogéneo.
Realidade: Como todas as outras pessoas também elas são diferentes entre si, aspectos como a personalidade, competências, a forma de exprimir, ou lidar com as situações são um bom exemplo disso.
- Mito: Utilizar uma forma de trabalho específica para estes alunos é criar uma elite.
Realidade: Todos os alunos são diferentes e merecem ser trabalhados tendo em conta essas características e necessidades, para que desta forma o seu desenvolvimento seja o melhor possível, respeitando essas diferenças. Por estes motivos é que os especialistas defendem a elaboração de um trabalho específico para o aluno sobredotado.
- Mito: Os alunos sobredotados são dotados em todas as áreas.
Realidade: Isto não é regra, um aluno sobredotado pode ser excepcional numa área específica e possuir dificuldades numa outra. O aluno tem sim um bom conhecimento sobre vários domínios, mas não significa que seja sobredotado em todos eles.
- Mito: Todos os alunos sobredotados têm pais demasiado exigentes que estão constantemente a pressioná-los para a obtenção de resultados sempre acima da média.
Realidade: A família, principalmente os pais, têm um papel essencial na educação e motivação dos alunos. Parte deles estimular o interesse dos filhos pela sua educação, influenciando a dedicação do aluno no seu desenvolvimento.

Contudo, apesar da tentativa de promoção destes dons no aluno, os pais não são os responsáveis pela sua criação.

- Mito: As crianças sobredotadas tornam-se sempre adultos ilustres e bem sucedidos.

Realidade: Isto não é de todo verdade, apesar das grandes capacidades que estas crianças possam apresentar, não é regra que vão ter um futuro excepcional. Não basta as suas capacidades, todos os outros factores externos influenciam a vida futura. Nem todas as crianças sobredotadas têm boas notas, ou tiram cursos superiores.

CAPITULO II – NECESSIDADES EDUCATIVAS

2.1 AS NECESSIDADES EDUCATIVAS DOS ALUNOS SOBREDOTADOS

Como docente, para poder ajudar estas crianças, no seu desenvolvimento, primeiro temos de conhecer as suas reais necessidades especiais e incidir o nosso apoio no sentido do desenvolvimento das suas competências e evitando possíveis situações de subaproveitamento, desinteresse ou dificuldades em relação ao meio escolar.

Do mesmo modo que uma não valorização das necessidades educativas destes alunos, pelo sistema educativo podem levar ao aparecimento de um conjunto de comportamentos inadequados. De acordo com o que nos refere o Ministério da Educação (1998), Martin apresenta um conjunto de características que tendem a facilitar o desenvolvimento do aluno sobredotado no contexto escolar e de alguns aspectos que por sua vez, podem ser inibidores do seu desempenho.

EXEMPLOS DE CARACTERÍSTICAS POTENCIAIS DO ALUNO SOBREDOTADO	
CARACTERÍSTICAS POTENCIAIS FACILITADORAS	CARACTERÍSTICAS POTENCIAIS INIBIDORAS
Aprecie os conceitos abstractos, resolve os seus próprios problemas e tem uma forma de pensar muito independente.	Mostra grande resistência às instruções dos outros. Pode ser bastante desobediente.
Revela muito interesse nas relações entre conceitos.	Dificuldade em aceitar o que é lógico aos seus olhos.
É muito crítico consigo mesmo e com os outros.	Exige demasiado de si e dos outros. Pode estar sempre insatisfeito.
Gosta de criar e inventar novas formas de realizar alguma coisa.	Absorve-se a criar e a descobrir coisas por si mesmo, recusando os procedimentos habitualmente aceites.
Tem uma grande capacidade de concentração, alheando-se os outros quando está ocupado nas suas tarefas.	Resiste fortemente a ser interrompido.
É persistente na prossecução dos seus objectivos.	Pode ser muito rígido e inflexível.
É enérgico e activo.	Sente-se frustrado com a inactividade e a falta de progressos.

Quadro 2 – Exemplo de Características Potenciais do aluno sobredotado. Ministério da Educação (1998)

Após uma análise destas características potenciais, é fundamental abordar as necessidades educativas dos alunos sobredotados. Estas necessidades, como é de nosso conhecimento variam conforme a sua faixa etária e é preciso perceber que nem todas as crianças sobredotadas têm o mesmo tipo de necessidades, podendo mesmo numa ou outra criança ter, por exemplo uma maior necessidade de apoio ao nível emocional que propriamente a nível cognitivo.

Estas necessidades podem por isso, incidir a vários níveis:

Necessidades psicológicas

- Nível intelectual

Este nível faz referência ao ambiente educativo que envolve o aluno, que sem excepção, todos necessitam que seja positivo e motivador, onde o sucesso é uma constante e em que se acredita que todos os alunos são capazes de o obter e sintam essa convicção.

A valorização dos objectivos atingidos pelo aluno deve ser frequente no professor, porque corresponde a mais uma etapa na conquista do conhecimento. Os percursos do aluno devem ser então acompanhados por esta valorização, desta forma o aluno terá mais interesse e motivação para a realização de futuras aprendizagens. E neste ponto o aluno sobredotado também incluído, necessita de igual modo de motivação e estímulos para continuar esse percurso de aprendizagem.

Porém, como já referimos estes alunos são muito exigentes consigo próprios, o que em muitos casos faz com que a conquista de pequenas coisas não tenha um grande significado para si.

Estas crianças necessitam que lhes seja dado um ensino individualizado nas matérias específicas nas quais elas superem os demais. Os seus programas devem por isso ser adaptados de maneira a incluir disciplinas especiais, opções alternativas, não esquecer o seu ritmo de trabalho e dando-lhe acesso a recursos adicionais de pesquisa e proporcionam-lhes estímulos para serem criativos e utilizarem as suas habilidades.

- Flexibilidade nos tempos de realização das tarefas

Embora a flexibilidade dos tempos atribuídos às tarefas possa ser, na maioria dos casos uma dificuldade acrescida para o professor, no que diz respeito à gestão da aula, é de evitar situações como ter o aluno eternamente à espera que os colegas terminem a tarefa, o que pode até levar a que destabilize a concentração dos restantes.

Deve haver, por isso flexibilidade no seu horário e nas suas actividades, devemos evitar constantes interrupções, sem uma razão aceitável. O tempo de realização destas tarefas, será obviamente mais curto, como tal devemos permitir

sempre que possível que o aluno continue a realização da tarefa, explorando mais o tema.

- Partilha de responsabilidade

A partilha de responsabilidades com o aluno e a participação em actividades como a planificação do trabalho são dois aspectos importantes, no âmbito da motivação destes alunos. Sempre que tal seja possível, o professor deve permitir ao aluno uma partilha de responsabilidades no que diz respeito ao bom ambiente da sala de aula e ao respeito por todo o material e ambiente escolar.

- Suporte emocional

Neste ponto, podemos referir a importância de evitar ao máximo passar para o aluno pressão sobre o seu rendimento escolar.

Não é favorável que o aluno se sinta obrigado a trabalhar constantemente, a tirar as melhores notas, a ser bom nas disciplinas todas, a ser o melhor em tudo. Isto poderá gerar no aluno uma ansiedade e uma pressão emocional excessivos, que por sua vez levem ao medo do fracasso, a insegurança.

Não podemos esquecer que apesar de sobredotado, estamos a falar de uma criança e como tal tem de ser respeitada como criança, respeitando o seu espaço de brincadeira, convívio e exploração.

Necessidades sociais

Como já referimos, normalmente estes alunos procuram o isolamento, trabalhar individualmente, não gostam de trabalhos em grupo, porque tem tendência a ser intolerante com os restantes elementos.

De acordo com os autores estudados, o professor deve estar atento para não se verificar esse isolamento, acompanhando sempre o seu trabalho, de forma a incitar estes alunos na partilha de conhecimentos com os restantes elementos, estimular a participação dos alunos em tarefas de grupo, estimular a prática da auto-crítica, tal como salientar as vantagens da dinâmica de grupo.

Promover a cooperação entre os alunos, com uma partilha de conhecimentos entre os que têm mais dificuldades e os que já dominam a matéria.

Essencialmente estas crianças precisam de se sentir aceites e integradas para que a sua interacção seja mais simples e natural.

Necessidades psicológicas

No caso dos alunos sobredotados este aspecto é de grande relevância pois é condição indispensável para a motivação e progresso.

Os exercícios de rotina e repetitivos, representam para a criança sobredotada uma actividade extremamente desmotivante e maçadora. É importante por isso, criar ambientes estimulantes para estes alunos, na realização destas actividades, mas sem esquecer o contexto turma, em que está inserido.

Estes alunos necessitam de um ensino individualizado nos conteúdos específicos que melhor dominam, e de uma flexibilidade nos programas de acordo com o seu ritmo de trabalho mais rápido. O acesso a recursos adicionais de informação é outro aspecto necessário, contribuindo desta forma para que o aluno se mantenha motivado pelas actividades escolares, tendo oportunidade de desenvolver e partilhar com os seus colegas os seus interesses e competências, minimizando a sua necessidade de isolamento. A oportunidade de aplicar as suas competências na resolução de problemas e efectuar investigações, no sentido da realização de experiencias activas a partir da vida real é outro dos factores determinantes neste percurso de aprendizagem.

2.2 SINALIZAÇÃO

As crianças sobredotadas são uma realidade nos dias de hoje, que não podemos evitar e que devem ser vistas e aceites como tal. Não temos o direito de simplesmente fingir que não existem tapando os olhos ao que é claro, têm os seus direitos, direito à sua identificação. Cabe ao educador trabalhar no sentido de aproveitar todas as suas capacidades na construção da sua identidade escolar e social. Existem assim diferenças humanas entre eles e os demais, mas que têm de ser respeitadas como tal.

A nossa sociedade inserida numa democracia, tem a obrigação de garantir o direito à diferença. O desenvolvimento destes alunos é por isso da responsabilidade tanto da escola como da família, que o deve potenciar para a aquisição de novos saberes e nunca o inibir.

Estas crianças e jovens sobredotados requerem um atendimento educativo especial, cabe a escola promover programas de enriquecimento tanto dentro como fora dela, evitando a hiper-estimulação apenas numa área, deve incidir o seu interesse pelas várias áreas de desenvolvimento.

Devemos porém ter em atenção que esta sinalização, quando não é bem sucedida, pode ter um efeito contrário, ficando a criança com um “rótulo” negativo. A criança deve ser assinalada sim, mas no sentido de ser acompanhada no seu desenvolvimento e vocacionada para áreas de interesse, e não devemos permitir que esta sinalização cause frustração ou inibição do aluno.

É função do professor e da escola estar atento a estas situações e minimizar os danos que esta sinalização pode causar quando entendida de forma deturpada.

São varias as características apresentadas pelos autores para a avaliação e sinalização destes alunos. De acordo com Almeida & Oliveira (2000), estas características baseiam-se nas seguintes âmbito:

- Multi-dimensional, referente às áreas e dimensões
- Multi-referencial, referente aos pais, professores, psicólogos e outros intervenientes na educação do aluno,
- Multi-método, que diz respeito aos meios, processos e instrumentos utilizados,
- Multi-temporal, relacionado com os momentos marcantes (estádios de desenvolvimento),

- Multi-contextual, relativo ao contexto em que estão o aluno esta inseridos, incluindo escola, casa, localidade, entre outros,
- Multi-etápica, referente as fases ou módulos de apoio.

2.3 PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

O processo de socialização é entendido como o modo que o indivíduo aprende a interiorizar os valores, normas, regras sociais influenciando a sua personalidade, que resulta de uma certa conformidade de comportamentos, que lhe permitem a integração e estabilidade dentro do seu meio social.

Este processo adquire determinadas características, consoante o desenvolvimento da pessoa, mas que de uma maneira geral recaem normalmente sobre os factores: família, escola e sociedade. O indivíduo adquire através deste processo autonomia, participação e integração no grupo social.

A socialização inicia-se desde que o indivíduo nasce até que morre. Nos primeiros anos, está inserido num grupo social, que corresponde a sua família e do qual depende inteiramente. Nesta etapa inicial da vida a sua sobrevivência depende inteiramente dos outros, que lhe proporcionam alimento e condições para essa sobrevivência, com saúde e bem-estar.

Nesta fase, para que o seu desenvolvimento ocorra de forma correcta é essencial que o indivíduo consiga uma boa adaptação nas seguintes áreas: ambiente familiar, sociedade escolar, ambiente social e realidade pessoal. Estas áreas têm de andar como que em sintonia, e qualquer desajuste em uma delas, era repercutir-se nas outras.

Ambiente familiar: este é o factor chave neste processo, a nossa personalidade vai sendo formada muito através dos afectos, emoções e exemplos familiares que são nesta altura um exemplo a seguir. A infância e especialmente os primeiros meses de vida são decisivos, a ausência de um correcto desenvolvimento pode provocar danos irreparáveis na evolução do indivíduo e na definição da sua personalidade.

Centro educativo: depois de termos a família, durante os primeiros anos, como o único factor de socialização do indivíduo, surge então a escola como um segundo factor de relacionamento com a sociedade. A família nesta fase deixa de conseguir satisfazer todas as exigências e a escola aparece como um factor de ampliação social, apresentando-lhe novos estímulos, competências que até esta altura estavam confinados à família.

Numa vertente pessoal, o aluno irá agora desenvolver a sua auto-estima e uma certa independência do meio familiar, por outro lado, socialmente a escola tem um papel integrador, funcionando como um meio de intercâmbio de relações, seguindo como é lógico as regras e valores impostos socialmente.

A escola é vista aqui como o meio de o indivíduo potenciar as suas capacidades favorecendo a sua integração e desenvolvimento. Podemos dizer que a educação está desde sempre ligada aos interesses e necessidades da nossa sociedade, o que por vezes se torna um problema para o nosso sistema educativo, que tende a tratar os nossos alunos de forma homogénea.

Segundo Alonso, Juan e Yolanda Benito “ *todos los niños/ as y jóvenes de una misma edad cronológica deben seguir las mismas pautas, y al final, dar cuenta de todos sus aprendizajes para poder progresar adecuadamente. Es una concepción educativa que impide la diversidad: todos son iguales y a todos les pedimos lo mismo. Y esta no es la realidad.*” (Alonso & Benito, 1996:92).

Situação que com a chegada da puberdade tem tendência a agravar-se, onde o indivíduo tende a procurar outros mundos, situações mais gratificantes, apresentando uma postura passiva, uma falta de motivação e desinteresse, frustração. Reações que levam na maioria dos casos a uma inadaptação escolar e ao seu posterior abandono.

Sociedade: é o terceiro factor de socialização. Durante o seu crescimento do aluno e em especial na adolescência, vai ocorrer uma separação natural da família, passando a dar mais importância aos relacionamentos com pessoas exteriores pertencentes ao seu grupo etário, do que ao seu núcleo familiar. Esta nova fase não pode ser encarada como rebeldia mas sim como um caminho a percorrer até a sua autonomia e independência.

A conquista desta autonomia é uma das principais fases desse desenvolvimento. “*Es el proceso de aprender cómo enfrentarse independientemente y de forma autoafirmativa com los propios deseos y habilidades de uno en relación a los requisitos y posibilidades de la sociedad.*” (Alonso & Benito, 1996:94).

Segundo nos refere o autor, este processo irá repercutir-se a nível da auto-estima e autoconfiança do indivíduo, que tende a procurar a sua independência emocional, tomando as suas próprias decisões e definindo os seus valores e convicções.

A adolescência é considerada a altura de transição da vida de uma pessoa, é o momento de consolidação das suas competências específicas e capacidades gerais, face

ao mundo. Contudo este não é um período fácil, tem vários obstáculos, crises, tenções que temos de ultrapassar para atingir a nossa meta e obter um desenvolvimento positivo.

Este desenvolvimento e estas alterações irão por sua vez ser decisivas durante a idade adulta, considerando que o processamento é constituído por todos os momentos importantes do indivíduo, pela sua história, ambiente social e família.

Através do esquema seguinte podemos perceber bem a perspectiva de Mönks sobre estas influências no desenvolvimento do indivíduo.

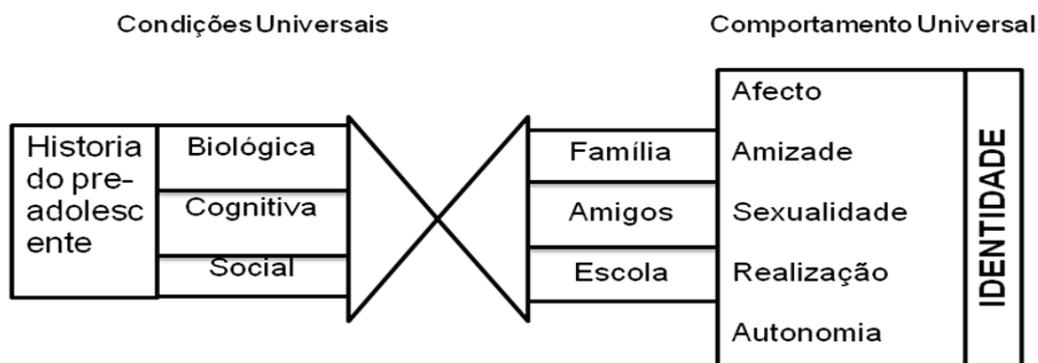


Figura 2: Esquema de desenvolvimento adolescente defendido por Mönks (Alonso, 1996)

Percebemos através do esquema de Mönks, uma perspectiva de desenvolvimento assente em várias condicionantes universais, como factores biológicos, cognitivos, sociais, do próprio meio e família. Não esquecendo também factores como a amizade, afecto, realização, autonomia e a sexualidade.

O desenvolvimento de todos estes factores a nível das “condições universais” apresentadas pelo autor irá influenciar as transformações que ocorrem posteriormente a nível dos seus “comportamentos universais”.

2.4 CONSEQUÊNCIAS DA FALTA DE APOIO

Como é de conhecimento geral, o aluno sobredotado necessita de encontrar um meio social, familiar e escolar adequado ao seu desenvolvimento, em que o aluno se consiga integrar, para que haja um desenvolvendo harmonioso e saudável, potenciando as suas aptidões e apostando nos seus “talentos”.

Porém em muitos casos, isto não se reflecte, levando o aluno a sentir-se incompreendido e diferente dos demais, provocando um determinado número de situações desagradáveis, podendo mesmo chegar a marginalidade.

Podemos dizer, e de acordo com Manuela Silva (1999) que esta falta de apoio vai ter varias consequências para o aluno, a diversos níveis. O comportamento destes alunos, pode ser ate entendido como uma rebeldia, imaturidade, escondendo as verdadeiras razões de ser.

A nível socioeducativo podem surgir comportamentos como:

- Agressividade, baixa auto-estima, atitudes anti-sociais, sentimento de inferioridade, isolamento, passividade, tendências suicidas, marginalidade, rejeição de valores sociais.

A nível da escola podem apresentar:

- Resultados escolares muito abaixo da média, falta de hábitos de trabalho e de empenho, atitude negativa face a escola, culpabilizar os adultos pelo seu fracasso, desinteresse escolas, irrequieto, desatento, perturbador, malcriado.

A nível familiar tendem a apresentar tendência para:

- Isolamento
- Instabilidade emocional
- Agressividade
- Desobediência
- Falta de educação (valores)

Estes factores, não são obrigatórios no aluno sobredotado, podem ou não, vir a verificar-se nestes alunos, ou simplesmente revelarem uma certa frustração, sentir-se incompreendido ou então enveredar mesmo pelo caminho da marginalidade. O importante é estarmos atentos a estas crianças e proporcionar-lhes todos os meios disponíveis para o seu desenvolvimento, evitando que chegue a estes extremos.

2.5 O ALUNO SOBREDOTADO E A INCLUSÃO

Actualmente a educação tem de ser vocacionada para a inclusão, que pressupõe que toda e qualquer actividade no âmbito da escola seja importante e significativa para as diferentes pessoas envolvidas.

Desta forma devemos privilegiar uma pedagogia aberta, centrada na comunicação e nas interacções que se estabelecem entre todos os intervenientes do processo de ensino/aprendizagem.

É necessário que a escola desenvolva desta forma uma pedagogia eficaz a todos os alunos, tendo em consideração as diferenças individuais, seja qual for a sua origem ou problemática.

Todos os alunos devem ter os mesmos direitos e oportunidades, incluindo o direito à diferença e a uma educação adaptada às suas necessidades, é por isso fundamental que esta adaptação seja efectuada o mais cedo possível, minimizando os danos causados em caso de reconhecimento tardio do problema.

Incluído neste tema das Necessidades Educativas Especiais, surge o aluno sobredotado, que como qualquer outra problemática merece toda a atenção e empenho dos professores e educadores. Estes alunos são mais uma componente dentro das necessidades educativas especiais, o sistema deve desta forma organizar e promover as respostas necessárias para responder de forma adequada aos seus interesses, aptidões e maximizar as suas potencialidades (Miranda, 2003; Miranda & Almeida, 2002).

É inevitável, nos dias de hoje uma constante alteração das práticas utilizadas, de forma a cada vez mais responder a essas necessidades e de forma mais eficaz. Porque todas as crianças com ou sem necessidades educativas especiais, têm direito a uma pedagogia centrada em si e nas suas necessidades, têm o direito a ingressarem no sistema educativo.

É neste contexto que surge o conceito de escola inclusiva, uma escola que deve ser “capaz de desenvolver uma pedagogia centrada na criança, susceptível de educar com sucesso todas as crianças, incluindo as que apresentam graves dificuldades.” (Unesco, Declaração de Salamanca, 1994)

Esta definição, tendo em conta a sua dimensão social, obtêm o apoio de todos os professores e educadores e da própria comunidade, que visam a igualdade educativa para todos os alunos e o acesso às mesmas oportunidades.

Inclusão é assim a “competência” que a escola e todos os seus intervenientes devem ter, de possibilitar a cada aluno, diferentes oportunidades, em função das suas condições, necessidades, interesses e motivações, assumindo e aceitando as diferenças humanas. Esta aceitação implica a criação de condições específicas para cada um, tais como: novas estratégias educativas, currículos específicos, cooperação da família e meio de inserção.

É hoje insubstituível a ideia que o educador e a escola não assumam essa responsabilidade, de assegurar a aquisição dessas condições, vendo-o como um desafio que terão de ultrapassar para o bem de todos.

Não podemos pensar neste desafio como algo individual, ele terá de ser efectuado na base da cooperação e interacção entre os vários agentes educativos, para que o resultado seja o mais possível adequado a realidade. A escola tem então de estar preparada para dar resposta a todas estas situações, proporcionando aos seus alunos as experiências essenciais para esse desenvolvimento. É extremamente importante que a criança se sinta acolhida, integrada, realizada e capaz de responder aos desafios da escola.

Por sua vez, ao aceitar as diferenças de cada um, significa muitas vezes realizar um trabalho individualizado, respeitando as capacidades, qualidades e ritmos de cada aluno. Compete a escola estar apta a intervir não só na sua formação e desenvolvimento a nível cognitivo, mas também a sua realidade social e emocional. Isto só será possível se a própria comunidade integrar estes alunos, se a comunidade se tornar ela também inclusiva de forma a acolher e colaborar, estimulando estes alunos.

Resumindo, os nossos alunos não são todos iguais, cada um tem as suas características, as suas qualidades, defeitos, capacidades, interesses e ritmos e por isso mesmo este processo terá de se adaptar as alterações que a sociedade escolar necessita, que hoje são umas, e amanhã podem ser outras. A evolução é por isso constante e a nossa adaptação e ela tem necessariamente de acompanhar essa evolução.

CAPITULO III – PRATICAS EDUCATIVAS

3.1 APOIO AO ALUNO SOBREDOTADO

Inicialmente temos, enquanto educadores, de ter consciência que o ambiente que a criança frequenta vai e muito influenciar as suas estruturas neurológicas. Como tal deve ser o mais estimulante possível, para não ocorrer uma “paragem” ou perda de potencialidades, “essas mudanças vão continuar a ocorrer enquanto houver estimulação apropriada. Devemos desafiar o indivíduo, em termos de desenvolvimento, pois caso contrário, o crescimento pode não continuar e o indivíduo perde potenciais.” (Serra, 2004:27).

Uma das estratégias normalmente usadas é a aplicação de um currículo diferenciado para estes alunos, que permita uma aceleração e aprofundamento necessário e a disponibilização de todos os materiais necessários para que o seu desenvolvimento ocorra. Este aprofundamento, baseia-se como a própria palavra indica no aprofundar de informações, na recolha de pormenores, de novas informações e perspectivas sobre as várias áreas leccionadas.

No sentido, do que temos analisado e considerando globalmente as perspectivas de desenvolvimento sugerem-se:

Nível da aprendizagem:

- Respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno, permitindo que passe para uma fase seguinte, caso termine primeiro que os seus colegas;
- Disponibilizar os matérias possíveis ao aluno, sobre os temas de seu interesse,
- Colocar actividades novas e tentar fugir o mais possível a rotina;
- Estimular o espírito crítico e criativo do aluno;
- Dar-lhe liberdade de escolha sobre os temas a abordar;
- Promover o enriquecimento de experiencias de vida ricas nas várias áreas;
- Enriquecer o seu vocabulário e interesse por saber mais.

Nível da motivação:

- Abordar assuntos do seu interesse;
- Estimular sempre o saber mais;
- Reconhecer o seu esforço;
- Ajudar o aluno nas suas pesquisas apenas quando ele a solicita;
- Evitar ao máximo a actividades repetidas;
- Dar oportunidade de o aluno tomar iniciativa na realização de actividades novas;
- Alimentar o seu espírito crítico;
- Não o reprimir por um insucesso, lembrando que nem sempre se tem sucesso em tudo, ajudando-o a ultrapassar essa situação;

Criatividade:

- Estimular a criatividade e originalidade dos seus trabalhos;
- Responder prontamente as suas solicitações e levando a que continue a sua busca;
- Respeitar o ritmo de trabalho;
- Permitir experiências variadas utilizando materiais diferentes;
- Incentivar a sua sensibilidade e harmonia, levando-o a procurar transmiti-lo nos seus trabalhos;
- Incentivar a realização de actividades em que o aluno possa dar asas a sua imaginação e criatividade;
- Não desvalorizar as suas soluções mesmo que estas pareçam demasiado invulgares;

Liderança:

- Aumentar o seu grau de responsabilidade face às actividades;
- Incentivar o relacionamento com pessoas de diferentes idades e contextos sociais;
- Proporcionar actividades para a promoção do seu espírito de liderança;
- Promover intercâmbio de opiniões entre eles e as outras crianças da sua idade;

- Promover as relações entre eles e os seus pares;
- Proporcionar o melhor ambiente de integração possível;

Actividades artísticas:

- Incentivar uma atitude auto-critica face aos seus trabalhos;
- Incentivar o seu espírito crítico, levando-o a partilhar informações com os seus pares;
- Apresentar novas ideias sobre temas diferentes, incentivando-o a procurar sempre mais;
- Promover o interesse pelo trabalho dos seus colegas e vice-versa;
- Facultar materiais para a realização de trabalhos com recursos e materiais diferentes;
- Dar espaço para que o aluno dedica aos seus trabalhos o tempo desejado;
- Incentivar a criação de trabalhos originais;

Actividades musicais e dramáticas:

- Facultar o maior número de instrumentos possíveis, para o aluno usar conforme necessite;
- Promover a sua sensibilidade musical, levando a que o aluno se exprima através de movimentos corporais ou ritmos musicais;
- Promover o uso de instrumentos musicais;
- Desenvolver a sua capacidade de identificação e discriminação de sons;
- Proporcionar a utilização de vários instrumentos musicais, na realização das tarefas;
- Incentivar a dramatização de peças teatrais, interpretando várias personagens;
- Promover actividades de utilização da expressão dramática, através de gestos, movimentos;
- Promover a criação de peças originais ou reconstruir peças conhecidas;

Comunicação:

- Solicitar que efectue relato de acontecimentos transmitindo emoção e beleza ao discurso;
- Proporcionar debates sobre temas de interesse geral;
- Fomentar a utilização de vocabulário rico e variado, proporcionando-lhe um processo de enriquecimento vocabular;
- Proporcionar através do reconto ou invenção de histórias o fortalecimento das qualidades orais do sobredotado;

Planeamento:

- Incentivar o aluno a planear o seu trabalho, desde a fase inicial até à sua conclusão;
- A estruturação dos seus trabalhos deve ser exclusivamente da sua responsabilidade;
- Acompanha-lo na exploração do tempo e espaço de um dado local, numa determinada tarefa e ver até que ponto é fiável ou não a sua realização;
- Incitar ao uso de materiais alternativos na realização das tarefas;
- Estimular a exploração das limitações de uma dada tarefa;

3.2 DIVERSIDADE DE APOIO AOS ALUNOS SOBREDOTADOS

A investigação deste assunto sugere inúmeras formas de apoio a estes alunos, mas devemos ter presente que a escolha do método a aplicar aos nossos alunos sobredotados tem de ser efectuada no sentido de dar resposta as necessidades desse aluno e não porque é o mais rápido ou fácil de aplicar. Estes alunos têm necessidades educativas especiais, que lhe permitem fazer aprendizagens de forma mais rápida e eficaz e é nisto que devemos trabalhar.

Neste sentido é necessário adoptar um método que dê resposta a estas necessidades, para melhoramento do desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

São várias as estratégias educativas encontradas, como o enriquecimento na turma, o recurso a um professor especialista, a aulas de apoio fora da sala de aula, um programa com tutor da comunidade, o estudo independente, a aceleração, ou o agrupamento dos estudantes por níveis de interesse e habilidade. Mas em geral abordam-se três grandes categorias: aceleração, agrupamento e enriquecimento, que não tem de funcionar separadas, podem muito bem complementar-se na sua utilização.

Segundo Passow (1979) refere não existir uma única formula que possa ser usada com eficácia para todos os sobredotados, devido a grande variedade de talentos que estes alunos apresentam.

Em contrapartida Fox (1981), não privilegia nenhum dos métodos, defende que é necessário haver uma combinação de programas, para desta forma conseguir satisfazer as variadas necessidades dos alunos sobredotados, num mesmo grupo.

Por outro lado, Maker (cit. in Schiever & Maker, 1997), salienta que a resposta a estas necessidades não está apenas no programa, mas também depende do educador, do curriculum e do método utilizado. Daí a necessidade de uma formação adequada e de uma sensibilização como suporte a estas alterações e programas.

Muitos são os objectivos relacionados com a utilização destes programas para alunos sobredotados, por sua vez Tennenbaum (cit. in Alencar & Fleith, 2001), sugere os seguintes:

1. Auxiliar os alunos com alto potencial, no desenvolvimento máximo das suas potencialidades;

2. Promover o desenvolvimento global, de forma a dar a sociedade o maior contributo possível;
3. Fortalecer o auto-conceito positivo;
4. Diversificar as áreas e experiências do aluno;
5. Desenvolver a sua consciência social;
6. Promover a sua produtividade criativa.

No decorrer da investigação sobre os programas para alunos sobredotados, surge-nos Arn e Frierson (cit. in Alencar & Fleith, 2001), que realçam os seguintes objectivos:

1. Favorecer o desenvolvimento de habilidades nas áreas académicas;
2. Promover bons hábitos de estudo;
3. Promover clima de aprendizagem;
4. Promover a motivação;
5. Promover o desenvolvimento social;
6. Favorecer o ajustamento social e emocional;
7. Respeitar o ritmo individual de aprendizagem do aluno;
8. Desenvolver valores estéticos.

No âmbito, do que temos analisado constatamos que é dada maior importância a alguns objectivos, nomeadamente ao desenvolvimento de habilidades académicas e pouca relevância ao desenvolvimento de valores estéticos, sociais e emocionais do aluno.

Das três grandes categorias, referidas anteriormente: aceleração, agrupamento e enriquecimento, a aceleração é a única que aparece representada na legislação portuguesa.

3.2.1 ACELERAÇÃO

A aceleração consiste no acelerar do processo de aprendizagem de um aluno, onde pode completar dois ou mais anos de estudo num só, a fim de o colocar num contexto curricular de dificuldade suficiente para as suas capacidades. Esta é uma

estratégia de apoio ao aluno sobredotado rápida e económica que permite o aproveitamento dos recursos e infra-estruturas já existentes.

O currículo é o mesmo que o de alunos que estão num nível superior ao dele, ele passa a aprender os mesmos conteúdos só que os estuda antes e de uma forma mais rápida.

No entanto o facto de o currículo não sofrer alterações, leva alguns autores a questionar esta aceleração, na medida em que esta estará ou não adequada para satisfazer as necessidades destes alunos.

Por outro lado, outros defendem que o método permite um aumento das dificuldades e um ajuste ao seu nível de competência, levando-o a uma maior motivação intrínseca.

Podemos por isso apresentar vantagens e desvantagens na escolha deste programa.

Vantagens:

1. Positivo no domínio da aprendizagem, técnica e formação do aluno;
2. Permite avançar a partir de um ritmo mais rápido;
3. Este método pode ser usado em qualquer escola;
4. Evita a produção de resultados negativos, para o bom desenvolvimento das suas potencialidades;
5. Promove a motivação do aluno sobredotado;
6. Permite que a produtividade do aluno, seja mais de acordo com as suas capacidades;
7. É rápido e económico;
8. A aceleração permite aos alunos sobredotados terminar, antes do período de escolaridade obrigatória e iniciar a sua vida profissional mais cedo.

Desvantagens:

1. É importante que o aluno acompanhe com alunos da mesma idade e nível social e económico;
2. O desenvolvimento afectivo pode não estar tão desenvolvido e gerar confusão que se irá reflectir nas relações dentro da escola e na família;

3. O aluno que acelera o seu percurso, num determinado período deixa de aprender alguns conhecimentos importantes e necessários que só adquire vivenciando;
4. A aceleração não ocorre de uma forma adequada em todas as áreas de desenvolvimento.

Podemos, então dizer que a aceleração não responde de forma eficaz a todas as situações. Feldhusen (2000) defende que esta medida educativa deveria estar disponível em todos os sistemas de ensino, no entanto deve, na sua opinião ser considerada como uma medida temporária. Estes alunos, após a aceleração deveriam possuir um currículo diferenciado e desafiante, o que raramente se verifica no meio escolar. Não devendo também esquecer, que este método não é aplicável em todas as situações, é imprescindível uma análise individual de cada caso e a partir daí tomar a medida mais adequada face aos recursos disponíveis.

3.2.2 ENRIQUECIMENTO

É uma estratégia de ensino que trata de individualização dos processos de ensino - aprendizagem, apresentando programas ajustados às características próprias de cada aluno, permitindo a continuação do processo acompanhando a sua turma. Esta estratégia requer alterações tanto a nível da profundidade ou extensão dos conteúdos do seu currículo e até da metodologia de trabalho que se utiliza.

Este processo de enriquecimento deve ser efectuado, tendo em conta o currículo do grupo em que o aluno sobredotado esta inserido, de forma a proporcionar-lhe a participação no maior número de actividades possível, no decorrer da aula.

Renzulli (cit. in Alencar & Fleith, 2001), sugere um modelo que diferencia esta estratégia educativa em três níveis:

- I – não contempla os temas e ideias base do currículo e sugere outros novos e mais interessantes, sobre os quais o aluno desenvolverá um projecto específico.

- **II** – apresenta actividades para treino das suas habilidades, como o pensar, criticar, resolver problemas, analisar informações, comunicação escrita e oral, preparando-se desta forma para enfrentar sempre novas situações e desafios.
- **III** – desenvolver problemas de investigação individual ou em grupo, sobre situações do quotidiano, tendo como objectivo que o aluno sobredotado aplique os conhecimentos já adquiridos e adquira ao mesmo tempo conhecimentos e métodos novos.

Este enriquecimento tem de ser supervisionado de forma a eliminar os conteúdos repetidos e os que já estão completamente dominados pelo aluno, numa espécie de condensação do currículo.

Tendo em conta as dificuldades na aplicação de um programa de enriquecimento na própria sala de aula, torna-se mais vantajoso e simples o desenvolvimento de programas de enriquecimento, como por exemplo os centros de aprendizagem ou os clubes de ciências, matemática, etc. Neste programas os alunos têm oportunidade de continuar o desenvolvimento de trabalhos específicos, originais e de acordo com os seus interesses.

Segundo a autora Maria Valle (2001), este é o programa que melhor se aplica ao aluno, contemplando desde os alunos médios aos mais dotados. Apresenta-nos de seguidas algumas vantagens e desvantagens deste programa.

Vantagens:

1. Contempla os aspectos de desenvolvimento pessoal dos alunos em todos os âmbitos;
2. Permite ao aluno a escolha do seu ritmo de trabalho;
3. Promove o aumento da sua motivação;
4. É aplicável a todo o tipo de alunos sobredotados.

Desvantagens:

1. É mais dispendioso que o anterior;

2. Requer umas infra-estruturas mais complexas, que permitam a individualização;
3. Necessita que os professores tenham formação especializada;
4. Necessita de um trabalho mais complexo e elaborado, no âmbito do currículo do aluno.

Esta é portanto e segundo vários autores a opção mais adequada aos nossos alunos, permitindo o adequar do seu currículo as suas necessidades e seu ritmo, tornando este trabalho mais específico, individualizado e motivador.

3.2.3 AGRUPAMENTO

Esta estratégia educativa baseia-se na formação de grupos de alunos sobredotados, a tempo inteiro ou parcial, segundo as suas capacidades e habilidades, com um programa ajustado ao nível de cada classe, de forma a manter um trabalho similar para todos os alunos.

Este agrupamento pode ocorrer com base em critérios como o quociente intelectual, interesses, motivações ou realizações escolares, para que deste modo se facilite o acesso destes alunos a oportunidades instrutivas e diferentes. Desta forma evita-se a descontextualização do aluno sobredotado e potencia-se a sua motivação e rendimento, favorecendo os hábitos de trabalho em conjunto.

Vantagens:

1. Promove programas especializados, adequados às necessidades dos alunos sobredotados;
2. O aluno sobredotado tem oportunidades de se relacionar com outros alunos com a mesma problemática;
3. Alto grau de motivação e rendimento

Desvantagens:

1. O agrupar os alunos pelas suas capacidades, pode conduzir a um elitismo e a uma consciência que são melhores que os outros;

2. Com o agrupamento, elimina-se a ideia de que todos os alunos devem educar-se e estar integrados com alunos do mesmo grupo etário, provocando uma aumento das diferenças intelectuais e sociais;
3. Os factores socialização, cooperação e colaboração são agora colocados em questão devido a estes agrupamentos.

Segundo a mesma autora (Valle, 2001) esta estratégia é hoje em dia incompatível com a nossa política educativa que se baseia na integração, inclusão escolar.

Pode por isso levar ao aparecimento de rótulos sobre estes alunos, de forma a comprometer a sua socialização

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

4.1 ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O enriquecimento escolar como resposta educativa para alunos sobredotados

O enriquecimento de uma intervenção educativa eficaz exige portanto que o professor saiba:

- Identificar as crianças e jovens potencialmente sobredotados, a partir de determinados indicadores comportamentais;
- Conheça as suas necessidades educativas;
- Adeque as suas práticas a essas necessidades;
- Avalie as metodologias escolhidas, de forma a certificar que elas contribuem para o crescimento efectivo destes alunos.

Esta intervenção necessita de ter em conta, as necessidades específicas de cada criança sobredotada, de forma a proporcionar o desenvolvimento das suas capacidades e evitar situações de subaproveitamento, desinteresse ou dificuldades relativas à actividade escolar.

Todos os alunos necessitam de um ambiente educativo positivo, onde o sucesso represente o resultado natural desse ambiente e a consequência natural da sua presença na escola. Ambiente em que o professor acredite que todos os alunos são capazes de obter sucesso e lhes faça sentir essa convicção, os alunos sobredotados não são por isso nenhuma excepção. A constante experimentação de processos, estratégias para a obtenção do sucesso são a condição essencial para criar motivação e progresso em todos os alunos.

A discrepância entre o desempenho de uma criança sobredotada das restantes, bem como os seus comportamentos, podem levar a um isolamento, a preferir trabalhar

individualmente, seguindo assim o seu ritmo e interesses. Este facto pode levar a criança a isolar-se da restante comunidade escolar e a não construir amizades nesse seio.

Neste sentido, o professor deve estar atento a agir de forma a facilitar as trocas sociais entre todos os alunos e incentivar a realização de trabalhos em equipa. Estimular a participação e cooperação de todos de igual forma, prestando atenção também ao decorrer do trabalho, assegurando que todos dentro do grupo estão empenhados na sua realização e não apenas um a proceder a sua realização.

Estes alunos necessitam de um modo geral, de um trabalho individualizado em alguns conteúdos que melhor dominam, no entanto isto não deve ser regra. O professor deve facilitar o recurso adicional as informações, para desta forma, manter o aluno constantemente estimulado e interessado pelos temas.

Os programas de enriquecimento escolar servem como estratégia pedagógica capaz de oferecer ao aluno mais oportunidades de desenvolvimento do seu potencial, a manutenção de níveis elevados de motivação pelas aprendizagens e a oportunidade de concretizar, com sucesso e empenho os seus talentos e capacidades.

O nosso estudo nesta parte prende-se com o levantamento de todas estes métodos, e estratégias utilizados hoje pelos docentes, que visam o desenvolvimento destas crianças, mantendo-as interessadas e motivadas pelas áreas escolares. Será realizada uma observação directa de todos os procedimentos utilizados, focando o mais possível a questão inicial.

4.2 OBJECTIVOS

No decorrer da nossa prática pedagógica, muitas são as vezes que nos deparamos com crianças sobredotadas e da falta de formação nesta área para conseguir dar-lhes o melhor apoio escolar e educação necessários.

Para tal, tenho como objectivo através deste estudo, perceber até que ponto os professores têm conhecimento desta problemática e de que forma orientam a educação e ensino destas crianças e os integram nas turmas regulares.

Para tal colocamos as seguintes Questões de Investigação:

A Sobredotação é uma realidade, de que forma estão ou não os professores preparados para a identificar?

Até que ponto, os professores utilizam uma prática inclusiva nas nossas escolas, face a estas crianças?

Na sua elaboração houve uma preocupação em respeitar as regras que contribuem para a elaboração de boas questões de investigação. Tentaremos desta forma, saber se os professores inquiridos, utilizam uma prática educativa inclusiva com este grupo de alunos e se têm capacidades de perceber as suas características próprias, valorizando-as e promovendo-as.

4.3 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO: INQUERITOS

O presente trabalho aborda uma das várias temáticas ligadas à sociedade, a Sobredotação, isto é, uma das possíveis características dos nossos alunos. A sociedade é cada vez mais diversificada e a possibilidade de durante a nossa prática pedagógica, surgir alunos com esta problemática é cada vez mais comum.

Como já é de conhecimento comum, os alunos sobredotados têm características específicas e um ritmo de trabalho muito próprio. Contudo, nem sempre são acompanhados da forma mais correcta, pela falta muitas vezes de meios e disponibilidade do professor.

Assim é nossa intenção colaborar na identificação destes alunos, orientando-os no sentido de potenciar ao máximo as suas potencialidades, de forma a tornar o nosso ensino cada vez mais inclusivo para estes e outros alunos.

O estudo teve por base uma investigação do tipo descritiva, que implicou estudar, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação. Incidiu na recolha de dados para testar as hipóteses e/ou responder às questões que lhe digam respeito.

A investigação descritiva envolveu etapas como a definição do problema e escolha da técnica para a recolha dos dados; a definição da amostra para a realização deste estudo e o desenvolvimento de um instrumento de recolha desses mesmos dados, no sentido de obter as informações necessárias.

Estas fases ocorreram desde a planificação inicial do estudo até a fase final, o desenvolvimento da pesquisa.

4.4 AMOSTRA

Para o desenvolvimento deste estudo, a amostra incidirá sobre 2 escolas, uma de 1º ciclo e outra de 2º e 3º ciclos, situadas no concelho de Santo Tirso, distrito do Porto. A amostra será constituída pelo corpo docente destas escolas no ano lectivo de 2010/2011.

4.5 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Para este projecto construímos duas questões que corresponderam ao nosso ponto de partida para esta investigação. No sentido de afastar qualquer tipo de ambiguidade de termos ou expressões passamos a fazer uma análise de alguns termos referentes a essas questões.

Perguntas de partida:

A Sobredotação é uma realidade, de que forma estão ou não os professores preparados para a identificar?

Até que ponto, os professores utilizam uma prática inclusiva nas nossas escolas, face a estas crianças?

Na primeira questão, fazemos referência a realidade que vivemos hoje, em que durante a nossa prática pedagógica, cada vez mais nos deparamos com problemáticas diferentes. Aqui a questão central é a Sobredotação e a forma como os professores estão ou não preparados para ela. Isto é, pretendemos saber se possuem ou não alguma formação nesta área e se possuem conhecimentos, por mais básicos que sejam, que lhes permitam uma fácil identificação destes alunos. No sentido de lhes proporcionar uma educação mais direccionada para o seu saber.

Em relação a segunda questão, o nosso objectivo é abordar a questão da inclusão. Avaliar se as estratégias utilizadas pelos professores contemplam ou não estes alunos e se as metodologias são as mais adequadas no sentido da inclusão. Cada vez mais se fala da inclusão na escola, no entanto pretendemos verificar se os métodos utilizados estão adaptados a estes alunos.

4.6 INSTRUMENTOS

Para proceder a recolha dos dados e informações necessários para este estudo, optamos pela elaboração de um inquérito por questionário a realizar aos professores das escolas de 1º, 2º e 3º ciclo, do concelho de Santo Tirso.

O objectivo deste inquérito por questionário é a recolha de informações colocando uma série de questões sobre o tema de interesse do investigador.

É necessário ter um certo cuidado na elaboração das questões, bem como na sua apresentação. As questões devem ser reduzidas e adequadas à pesquisa em questão, tendo por base três critérios importantes: devem ser claras, concisas, coerentes e não devem induzir a uma resposta específica, devem ser influenciados por qualquer juízo de valor.

Na sua elaboração tivemos em atenção as linhas de orientação, considerando-o a ferramenta mais adequada para a recolha das informações que pretendíamos.

4.7 PROCEDIMENTOS

Elaborados os inquéritos, foram estabelecidas as condições essenciais a sua aplicação, de forma a dar seguimento á investigação. No sentido de avaliar, as medidas pedagógicas de diferenciação e intervenção que os professores utilizam nas suas aulas. Este inquérito irá fornecer informações pertinentes, que nos permite perceber se os professores utilizam as metodologias certas para estas crianças e se a sua pratica educativa esta direccionada para a sua inclusão.

Os questionários serão de administração directa, de preenchimento pelo próprio inquirido. Serão, por isso entregues em mão, com um breve esclarecimento explicando, oralmente o que se pretendia dos inquiridos, qual o objectivo desta investigação, o prazo de entrega e sobre o modo de preenchimento.

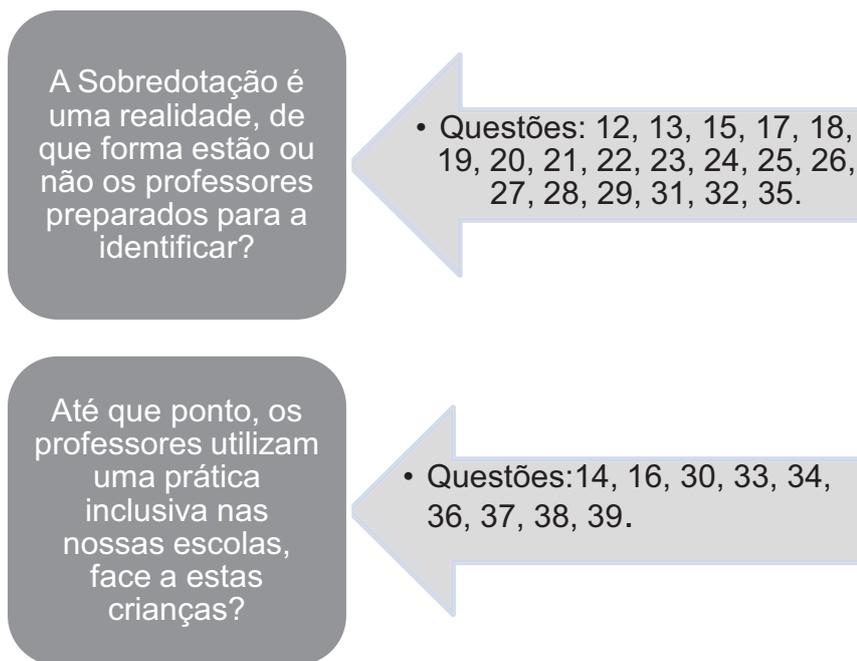
Estabelecemos o prazo de dois dias para a sua efectuação e recolha, em mão dos mesmos pelo avaliador.

Uma vez preenchidos procedemos ao tratamento dos dados, a verificação das informações obtidas e interpretação dos dados.

As respostas destes inquéritos são de resposta directa e simples. Apresentamos em algumas perguntas apenas duas hipóteses de resposta: “Sim” e “Não” e numa fase posterior hipóteses como: “Nunca”, “Raramente”, “Frequentemente”, ”Sempre”, “Concordo Plenamente”, “Concordo”, “Discordo”, “Discordo totalmente” ou “Não tem opinião formada”.

O inquérito é constituído inicialmente por questões sobre a situação profissional e pessoal dos docentes, passando depois a questões direccionadas para a problemática e as praticas educativas utilizadas no sentido da inclusão.

Desta forma, procedemos a identificação das questões de partida com os respectivos inquéritos aplicados.



As questões número 1, 2, 3, 4 e 5 abordam a situação pessoal e profissional dos professores inquiridos. As questões 6 e 7 abordam a formação ou não do docente sobre esta problemática, e as questões 8, 9, 10 e 11 a situação actual do docente neste ano lectivo.

Com as questões 12, 13 e 14 a nossa intenção é verificar se o professor está ou não informado sobre itens básicos no âmbito da Sobredotação.

Nas questões 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31 e 32, a nossa intenção é apurar de que forma os professores inquiridos se encontram motivados e sensíveis a esta problemática dentro da sala de aula e se estes estão atentos as particularidades destes alunos. Não esquecendo as suas características e ritmos tão próprias deles.

Por fim as questões 15, 16, 27, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39, dão-nos a perceber se as estratégias utilizadas estão ou não direccionadas para uma pratica inclusiva e se visão a promoção de uma aprendizagem mais adequada as características de cada aluno.

Depois de concluídos os questionários, poderemos dar ou não resposta as questões de investigação que colocamos anteriormente. Estamos no entanto conscientes da dificuldade na construção da amostra, o que requer eventualmente o contributo de investigações e intervenções futuras com maior alcance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa sociedade é muito diversificada, e devemos sempre respeitar essa diversidade, aceitando cada indivíduo como diferente, com todas as suas qualidades e limitações. Foi neste campo que tentamos com este Projecto de Investigação abordar a problemática da Sobredotação.

É neste contexto que pretendemos sensibilizar toda a comunidade escolar para o problema da Sobredotação. Como educadores temos o dever de contribuir no sentido da alteração das mentalidades e práticas educativas, que por sua vez têm reflexo na vida presente e futura destes alunos.

É dever da sociedade conceder a estes alunos oportunidades de desenvolver ao máximo as suas características cognitivas, sociais e afectivas.

Deve partir de nós educadores o fomento e a prática de uma educação inclusiva atenta a todos os seus alunos, sejam quais for as suas características, porque só nesta perspectiva conseguimos respeitar a diferença e explorar cada aluno naquilo que tem de melhor.

Numa altura em que tanto se fala de inclusão na escola, o nosso lema deveria ser “todos diferentes todos iguais”, porque todos os nossos alunos, seja qual for o tipo de necessidades especiais que necessitam, têm direito a educação de qualidade, desenvolvendo as suas capacidades e respeitando as suas limitações.

Hoje, o professor vê ser-lhe cada vez mais imputada a função de identificar estes alunos “diferentes”, tendo de planear para estes a intervenção mais apropriada, necessitam por isso de formação especializada adequada para esse processo. É fundamental que o professor tenha competências para uma correcta avaliação e escolha da intervenção mais adequada.

Não podemos deixar que estes alunos sejam ignoradas, porque ao contrário do que ainda hoje muita gente pensa, o aluno sobredotado não faz tudo sozinho, não nasce autónomo, nem é obrigatoriamente excepcional em todas as áreas. Podem mesmo apresentar alguma dificuldade ou insucesso em alguma área académica, por influência social ou até de inadaptação à própria escola. E quanto mais cedo a sociedade tomar consciência que tem de mudar a sua atitude perante estes alunos melhor, menores serão os danos colaterais. Porque para além de constituírem uma perda individual para os alunos sobredotados, é também uma perda social, por deixarmos passar despercebido estes “pequenos grandes talentos”.

Cabe ao sistema e ao professor promover uma prática educativa que visa a igualdade de oportunidades, contemplando as estratégias e programas que permitam a inclusão destes alunos. Não devemos, no entanto, esquecer que estes alunos, apesar de todas as suas capacidades são crianças como qualquer outra e que têm de ser respeitadas como tal, com as suas características e ritmo de evolução.

Um curriculum específico é parte indispensável para o desenvolvimento de uma igualdade de oportunidades, o que só se consegue alcançar em conjunto com a flexibilidade do sistema educativo, da formação especializada dos professores, e da diversidade de métodos e práticas educativas.

Só com todas estas condições vamos conseguir desenvolver o aluno sobredotado de forma eficaz e de acordo com as suas reais necessidades educativas.

Observando as questões de partida colocadas, poderíamos verificar até que ponto os professores possuem algum conhecimento sobre a temática da Sobredotação, tal como de algumas das suas características, embora nem sempre sejam de fácil identificação.

A formação é então uma prioridade, não podemos ignorar a existência destes alunos, ou trabalhar com eles de forma inadequada sabendo que isto pode corresponder a um desaproveitamento do aluno comprometendo o seu desenvolvimento e futuro. Por esta razão é cada vez mais procurada formação especializada, no sentido de saber exactamente como estes alunos devem ser trabalhados e quais as opções educativas existem para o aluno sobredotado.

A legislação existente pouco ou nada contempla estes alunos, que apesar de serem alunos especiais e necessitarem de apoio especializado, não são de todo abrangidos pela decreto-lei 3/2008. É certo que se lhes aplica o Despacho n.º 50/2005 – art.º 5.º, podendo beneficiar de um Plano de Desenvolvimento que contemple a diferenciação a promover com tais alunos. Mas, aqui surge de novo a questão – que estrutura existe no Sistema Educativo adequada a efectuar o acompanhamento dessas respostas educativas diferenciadas? Quem tem formação para as saber operar, no “quando” no “como” no “quem” no “com quem”?

Cabe-nos a nós, contornar estes entraves e fazer o nosso melhor pelo aproveitamento destes alunos que podem fazer a diferença na nossa sociedade.

São alunos com capacidades “superiores” que estão ao nosso alcance e cabe a nós saber educar e aproveitar as sua potencialidades e direccioná-las para o que têm de

melhor, não permitindo que no futuro sejam considerados uma perda tanto individual como social.

A sociedade é de todos nós e construída por todos nós, ao taparmos os olhos ao que se passa à nossa volta estamos não só a prejudicar estes alunos como pessoas com qualidades pessoais, mas também como cidadãos que pertencem à sociedade e que tanto podem dar.

Devido á dificuldade em construir uma amostra, este instrumento de investigação não foi aplicado, mas pensamos que será num futuro um excelente método de avaliação da temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice Soriano. (1986) *Psicologia e Educação do Superdotado*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

ALENCAR, M. L. S., FLEITH, D. S. (2001). *Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento*. São Paulo: EPU.

ALMEIDA L. S., OLIVEIRA E. P. & MELO A. S. (2000). *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS.

ALMEIDA, L., OLIVEIRA, E., SILVA, M. & Oliveira, C. (2000). *O papel dos professores na identificação de crianças sobredotadas: impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação*. In *Sobredotação*. Vol. 1

ALONSO, J. A., RENZULLI, J. S. & BENITO, Y. (Eds.), *Manual internacional de superdotados: Manual para professores e padres*. Madrid: EOS

ALONSO, J. A., BENITO, Yolanda (1996). *Superdotados: adaptación escolar y social en secundaria*. Narcea, S. A. de Ediciones, pp. 87-97

BENITO, Yolanda (2000), *Ideación – La revista en español sobre superdotación*. Anthema Ediciones, pp. 13-20

BENITO, Y., ALONSO, J. A. (2004). *Sobredotación Intelectual. Definición e Identificación*. Libro I. San Cayetano Alto: UTPL.

BENITO, Y., ALONSO, J. A. (2004). *Sobredotación Intelectual. Intervención Familiar y Académica*. Libro III. San Cayetano Alto: UTPL.

DECLARAÇÃO SALAMANCA, UNESCO, Edição do IIE, Lisboa, 1994.

FALCÃO, Ilídio (2007). *Crianças Sobredotados*. Porto: Edições Asa.

FREEMAN, Joan, GUENTHER, Zenita (2000). *Educando os mais capazes – ideias e ações comprovadas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitaria, Ltda.

FELDHUSEN, J. F. & JARWAN, F. A. (2000). *Identification of gifted and talented youth for programs*. Oxford: Pergamon.

FOX, L.H. (1981). *Identification of the academically gifted*. American Psychologist.

GAGNÉ, F. (1985). *Giftedness and talent: Reexamining a reexamination of the definition*. Gifted Child Quarterly.

GAGNÉ, F. (2000). *Understanding the complex choreography of talent development through DMGT-Based Analysis*. Oxford: Pergamon.

GAGNÉ, F. (2004). *Transforming gifts into talents: The DMGT as a developmental theory*. High Ability Studies.

GARDNER, H. (1993), *Multiple intelligences: The theory in practice*, New York, Basic Books.

GUENTHER, Zenita (2000). *Desenvolver capacidades e talentos – Um conceito de inclusão*. Rio de Janeiro: Editorial Vozes

LANDAU, Erika (1990). *A coragem de ser superdotado*, São Paulo: CEREC

LOMBARDO, José Rayo. *Necesidades Educativas Del Superdotado*. Madrid: Editorial EOS

MARLAND, S. P., Jr. (1972). *Education of the gifted and talented, Volume I: Report to the Congress of the United States by the Commissioner of Education*. Washington, DC: United States Government Printing Office.

MIRANDA, L. & ALMEIDA, L. S. (2002). *Sobredotação em Portugal: Contributos das Associações Portuguesas para a divulgação do tema. Sobredotação, 3*

MIRANDA, L. (2003). *Sinalização de alunos sobredotados e talentosos: O confronto entre sinalizações dos professores e dos psicólogos*. Dissertação de mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, FPCE.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
(1998) *Crianças e Jovens Sobredotados – Intervenção Educativa*. Editorial do Ministério da Educação

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
(2007) *A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/Sobredotação*, volume 1, Brasília DF

PASSOW, A. H. (1979). *The gifted and the talented: Their Education and development: The Seventy-Eighth Yearbook of the National Society for the Study of Education, Part I*. Chicago, Ill: The University of Chicago Press.

PEREIRA, M. (1998). *Crianças sobredotadas: Estudos de caracterização*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

PIIRTO, J. (1995). *Deeper, wider, broader: The pyramid of talent development in the context of the giftedness construct*. Educational Forum.

RENZULLI, J. S. (1978). *What Makes giftedness? Re-examining a definition*. Phi Delta Kappan.

RENZULLI, J. S., SYTSME, R. E. & BERMAN, K. B. (2003). *Ampliando el concepto de superdotación de cara a educar líderes para una comunidad global*.

REVISTA DIVERSIDADES, *O fascinante mundo dos talentosos*, nº 19

SCHIEVER, S. W. & MAKER, C. J. (1997). *Enrichment and acceleration: Na overview and new directions*. Boston: Allyn and Bacon.

SERRA, Helena, (2004) *O Aluno Sobredotado*, Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas, Biblioteca do Professor. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

SERRA, Helena, MAMEDE, M^a Clotilde C., SOUSA, Teresa M^a F. B. de (2004). “*Sobredotação: uma realidade/ um desafio*”. Cadernos de Estudo. ESE Paula Frassinetti

SILVA, Manuela Esteves (1999). *Sobredotados, Suas Necessidades Educativas Específicas*. Porto: Porto Editora.

TANNENBAUM, A. J. (1983). *Gifted children: Psychological and educational perspectives*. New York: Macmillan.

VALLE, María Del Carmen Blanco (2001). *Guía para la identificación y seguimiento de alumnos superdotados*. Valencia: CISSPRAXIS, S. A. Educación

Winner, E. (1996). *Crianças sobredotadas: Mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Despacho - Normativo n.º 50/2005, de 9 de Novembro.

REFERÊNCIAS NA INTERNET

<http://www.aneis.org/htm/sobre.htm>

<http://www.institutodainteligencia.net>

<http://www.academiadesobredotados.com/>

<http://www.esepf.pt/u/apcs.htm>

<http://www.apcs.co.pt/>

<http://www.asociacion-aest.org/>

ANEXOS

ANEXOS 1

INQUÉRITO POR QUESTIONARIO

O presente inquérito está inserido no âmbito de um trabalho de investigação, do Curso de Pós-Graduação em Educação Especial na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O objectivo desta investigação é revelar a opinião que os docentes do 1º/2º/3º ciclo de escolaridade têm sobre o tema: a Sobredotação. Saber os conhecimentos e formação que possuem sobre o tema.

O questionário é anónimo e as respostas são confidenciais.

A sua colaboração, é imprescindível para o êxito deste trabalho.

Desde já agradeço a sua atenção e colaboração.

Assinale a alínea que diz respeito a sua resposta.

1. Sexo

- a) Feminino
- b) Masculino

2. Idade

3. Formação

- a) Bacharel
- b) Licenciatura
- c) Pós-graduação
- d) Mestrado
- e) Doutoramento

4. Tempo de serviço

- a) De 0 a 5 anos
- b) De 6 a 10 anos
- c) De 11 a 20 anos
- d) + 20 anos

5. Nível de ensino que lecciona.

- a) 1º Ciclo
- b) 2º Ciclo
- c) 3º Ciclo

6. Possui alguma formação no âmbito da educação especial?

- a) Sim
- b) Não

7. Sente necessidade de ter mais formação nesta área?

- a) Sim
- b) Não

8. Já leccionou com crianças sobredotadas?

- a) Sim
- b) Não

9. Este ano lectivo, possui algum aluno com essa problemática?

- a) Sim
- b) Não

10. Na escola onde lecciona existem crianças sobredotadas?

- a) Sim
- b) Não

11. Se sim, estas recebem algum apoio especializado?

- a) Sim
- b) Não

12. Já participou na elaboração de algum Plano de Desenvolvimento?

- a) Sim
- b) Não

13. Conhece o Despacho Normativo nº 50/2005, artigo 5º?

- a) Sim
- b) Não

14. A escola possui materiais e técnicos especializados para apoiar alunos sobredotados?

- a) Sim
- b) Não

15. Considera que os alunos sobredotados necessitam de um currículo diferenciado?

- a) Sim
- b) Não

16. Considera que os alunos sobredotados prejudicam o desempenho dos restantes alunos, quando integrados numa turma regular?

- a) Sim
- b) Não

17. Considera esta problemática difícil de identificar por um professor de uma turma regular?

- a) Sim
- b) Não

18. Considera que uma criança sobredotada apresenta um vocabulário avançado para a sua idade ou para o seu nível escolar?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

19. A partir de um exemplo ou de uma explicação, o aluno consegue resolver facilmente outras situações?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

20. O aluno consegue arranjar soluções novas ou caminhos alternativos para resolver os problemas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

21. Organiza o seu trabalho de forma independente?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

22. Identifica os elementos mais importantes num problema a resolver ou assunto a aprender?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

23. Apresenta soluções pouco vulgares na resolução de problemas, em algumas áreas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

24. Por iniciativa própria, procura novas informações complementares?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tenho opinião formada

25. Demonstra facilidade e/ou rapidez na compreensão dos assuntos?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tenho opinião formada

26. Retém facilmente as informações sobre os assuntos?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tenho opinião formada

27. Sente-se estimulado por novos temas, ideias ou problemas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tenho opinião formada

28. Solicita pouca ajuda do professor na realização actividades?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tenho opinião formada

29. Procura sempre os pormenores das questões, salientando-se dos outros colegas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

30. Permite-lhe a tomada de iniciativa, na pesquisa de informações, mesmo quando não são solicitadas por si?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

31. Apresenta para a sua faixa etária, conhecimentos complexos sobre vários assuntos?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

32. Demonstra criatividade na resolução das questões ou problemas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

33. Coloca nos seus trabalhos metas ou objectivos mais elevados que os seus colegas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

34. Prefere trabalhar sozinho, porque acha que consegue realizar as tarefas sempre mais rápido e melhor que os colegas?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

35. Apresenta posições de liderança dentro do grupo de trabalho?

- a) Concordo Plenamente
- b) Concordo
- c) Discordo
- d) Discordo totalmente
- e) Não tem opinião formada

36. Verifica se o aluno compreendeu a tarefa a realizar ou se ainda restam dúvidas.

- a) Nunca
- b) Raramente
- c) Frequentemente
- d) Sempre

37. Valoriza as conquistas positivas do aluno.

- a) Nunca
- b) Raramente
- c) Frequentemente
- d) Sempre

38. Elabora tarefas extra para o aluno.

- a) Nunca
- b) Raramente
- c) Frequentemente
- d) Sempre

39. Considera que a sua escola utiliza uma prática educativa inclusiva.

- a) Nunca
- b) Raramente
- c) Frequentemente
- d) Sempre

Obrigada pela colaboração!